

# Delfim aceito pelo Senado

Da Sucursal de Brasília

Por 39 votos a favor, dois contra e duas abstenções, o Senado aprovou ontem à noite, mesmo com uma "providencial paralisação" do sistema eletrônico de votação, sem o qual é impossível identificar o votante, a mensagem presidencial indicando o ex-ministro Delfim Netto para ocupar o cargo de embaixador do Brasil na França.

A tarde, perante os 13 membros da Comissão de Relações Exteriores, o ex-ministro fez exposição sobre temas relacionados com o intercâmbio comercial franco-brasileiro e sobre as perspectivas de investimentos franceses no Brasil. Em seguida, foi submetido à sabatina regimental e secreta.

## PRESSÃO

A tensão, provocada em torno da votação em plenário da mensagem do presidente Geisel, foi deflagrada muito antes da sua chegada ao Congresso anteontem às 15 horas e de ser lida duas horas mais tarde. Desde que cogitado para exercer o cargo de embaixador em Paris, em substituição ao general Aurelio de Lyra Tavares, as ameaças de rejeição começaram a preocupar o líder Petronio Portela e os vice-líderes do governo que concordaram em convocar o Senado para o "esforço concentrado" de três dias. Manifestações públicas contrárias à indicação, por parte de senadores arenistas além de discursos criticando o relacionamento que o ex-ministro da Fazenda manteve durante cerca de sete anos com os integrantes do Legislativo, justificaram as medidas tomadas há cerca de um mês.

A principal delas foi a "providencial paralisação", conforme salientou um parlamentar da oposição, do sistema eletrônico de votação. Esse sistema permite que cada parlamentar acione, simultaneamente e sem se identificar, um dispositivo instalado em sua bancada e que é registrado pelo computador da casa. Assim, no início da noite de ontem, pouco antes da votação, o vice-líder Eurico Rezende distribuiu a cada um dos 41 senadores da Arena um envelope contendo uma cédula "sim", que garantiria a aprovação da mensagem. Indagado se havia cédulas "não" no recinto, declarou: "Se alguém desejar votar contra a mensagem, deve buscar a outra cédula atrás do plenário. Afinal, não sou tão democrata a ponto de oferecer a um companheiro de bancada a oportunidade de optar pela recusa". Com esse procedimento, Eurico Rezende garantiu a aprovação maciça da mensagem; pois, para receber a cédula "não", o senador teria que se deslocar de seu lugar, chamando a atenção e, consequentemente, identificando-se, como ocorreu com apenas um senador da Arena, o qual indagou onde buscar outro envelope.

A outra manobra utilizada pela Arena, além de não estimular a presença em plenário de votos contrários (o senador Luiz Cavalcanti não compareceu) foi a alegação de que o voto contrário à mensagem não significava veto a Delfim, mas ao governo recém-instalado.

## ROTEIRO

O ex-ministro da Fazenda dos governos Costa e Silva e Garrastazu Médici chegou ao Senado desacompanhado e desorientado. Ao atingir o piso do plenário, indagou de um guarda a localização do gabinete do senador Daniel Krieger, para onde se dirigiu, e aguardou o ex-presidente da Arena, que se encontrava no café. Logo que teve notícia da presença de Delfim em seu gabinete, Krieger foi ao seu encontro, levando-o, logo a seguir, ao gabinete de Petronio Portela,

a quem caberia, mais tarde, conduzi-lo pela casa. Foram convocados, imediatamente, os senadores Wilson Gonçalves e Eurico Rezende, respectivamente, presidente em exercício da Comissão de Relações Exteriores e vice-líder incumbido de reunir os arenistas para a votação que se daria três horas e meia mais tarde.

Depois de trinta e cinco minutos de contato com esses três senadores — Krieger retirou-se em seguida — Delfim foi conduzido ao plenário da Comissão de Relações Exteriores, onde numerosos repórteres, fotógrafos e cinegrafistas disputavam um lugar mais próximo ao ex-ministro, a fim de obter alguma declaração. Repetindo a cada instante que nada tinha a dizer, e que os assuntos que iria focalizar eram secretos e, por isso, impossíveis de serem revelados, apressou-se em atingir rapidamente o outro gabinete de Petronio. Entretanto, quando informado de que um diplomata da embaixada da França, Jean Mazeo, desejava entregar-lhe uma correspondência do embaixador Paul Fouchet convidando-o para um encontro, Delfim justificou certas críticas de que tem sido alvo. Indelicado e sem interromper a disparada em direção à Comissão de Relações Exteriores, alegou que não poderia responder ao convite naquele momento, em razão da falta de tempo para lê-lo (menos de dez linhas).

Do outro gabinete de Petronio Portela, onde ficou meia hora, Delfim foi conduzido ao recinto da Comissão, onde permaneceu cerca de uma hora e meia. Ao transpor, contudo, o corredor, foi novamente assediado pela imprensa, ocasião em que um jornalista, dirigindo-se a Petronio, que esteve a seu lado, comentou com ironia: "Quem diria. Os dois inimigos juntos". O líder do governo, todavia, surpreso com o comentário, reagiu com a res-

posta: "Sempre mantivemos as melhores relações".

## COMISSÃO

Durante cerca de 20 minutos, Delfim fez sua exposição perante os membros da Comissão de Relações Exteriores. Falou sobre problemas comerciais e comentou que os investimentos franceses no Brasil não são expressivos. Referiu-se aos "petrodólares" e justificou o "relacionamento secular" entre franceses e arabes como a causa principal de ser a França uma das principais depositárias do dinheiro proveniente do aumento de arrecadação. Comentou, a propósito, que o Brasil poderá vir a canalizar, com uma ação objetiva, parte desses recursos para seus investimentos.

Após seu relato, iniciou-se o debate onde se registrou, até, elogio à sua administração à frente do Ministério da Fazenda, o que provocou certa surpresa, pois esse não era o tema em discussão. Todavia, como observou um parlamentar, para uma sessão onde até o parecer previo, distribuído pela mesa, antecipava a votação favorável, o que realmente ocorreu, nada era impossível.

## RELACIONAMENTO

Logo no início da sabatina, perguntaram a Delfim a razão pela qual ele se recusou, durante os sete anos em que esteve à frente do Ministério da Fazenda, a responder aos requerimentos de informações que lhe dirigiram senadores e deputados. E, para surpresa de alguns, o futuro embaixador declarou que durante os dois governos, só recebeu seis requerimentos e os deixou sem resposta por tratarem de matéria confidencial. Essa informação confirmava o que se dizia no Congresso Nacional, de que poucos documentos chegavam ao Ministério em razão da obstrução que sofriam não só na Câmara ou Senado, como no próprio gabinete do ministro Leitão de Abreu. Informou, também, que entre os requerimentos sem resposta, existiu um em que se indagava o valor das reservas brasileiras. "Dentro de alguns dias — declarou — o governo deverá divulgar os dados relativos a 1971, já que a maioria dos países só revela esse tipo de informação após um certo período".

Mesmo não se tratando de matéria pertinente, Delfim sofreu outras críticas com relação ao seu comportamento diante do Legislativo, mas se justificou, afirmando que "o Congresso é um poder em igualdade de condições com o Executivo e o Judiciário".

Telefoto "Estado"

Delfim fala para os senadores